

ENTREVISTA: UM ENCONTRO COMBINADO COM PERSONALIDADES DO NOSSO BAIRRO

INTERVIEW: AN ENCOUNTER COMBINED WITH PERSONALITIES OF OUR NEIGHBORHOOD

Gleiciane Rosa Vinote Rocha¹

RESUMO: Este trabalho busca explicitar uma proposta didática realizada com alunos do oitavo ano do ensino fundamental em torno do gênero entrevista. Para isso, objetivou-se a produção de uma entrevista oral com personalidades de um bairro, e posteriormente, a retextualização para a modalidade escrita (MARCUSCHI, 2010). Tais atividades estão ancoradas na abordagem de ensino de gêneros textuais de Schneuwly & Dolz (2011), bem como nas noções de língua como uma forma de enunciação humana e ato social Marcuschi (2010). Esta proposta visa ao aperfeiçoamento da competência comunicativa oral do aluno, haja vista a pouca ênfase no desenvolvimento dessa habilidade no universo escolar.

Palavras-chave: Ensino de Língua portuguesa, oralidade, retextualização.

ABSTRACT: This assignment aims to show a didactical proposal worked with 8th grade Middle School students about the genre interview. Its objective was that students performed an oral interview with personalities from their neighborhood, and later, retextualized it to its written form. (MARCUSCHI, 2010). These activities were based on textual genres teaching approach by Schneuwly & Dolz (2011), as well as on the idea of language as human enunciation form and social act by Marcuschi (2010). This proposed to develop students' oral communication expertise since there is little focus on this ability development within educational universe.

Keywords: Portuguese Language Teaching, orality, retextualization.

Introdução

Nos últimos anos, os linguistas acreditam que o investimento exclusivo no ensino da escrita não tem sido suficiente para criar autonomia dos alunos no que se refere ao uso da língua. Para Bagno (2004), uma contribuição da Linguística ao ensino foi a valorização da língua falada, já que é a modalidade que os indivíduos aprendem naturalmente desde a infância e está em constante transformação. Atualmente, não é possível desconsiderar as evoluções linguísticas na sala de aula e viver sob o domínio da língua escrita. A língua falada possui suas especificidades, diferentes e/ou semelhantes à língua escrita, e precisam ser trabalhadas pela escola.

¹ Mestranda do programa PROFLETRAS – UFRRJ. Professora da SEEDUC-RJ e PM de Rio Claro. E-mail: gvinote@hotmail.com

Neves (2004) ressalta que na segunda metade do século XX se deu muita ênfase à língua falada, e acabou abandonando-se a língua escrita. Os livros didáticos eram recheados de historinhas em quadrinhos que exacerbavam o uso do popular. O problema era que uma modalidade era tratada como inimiga da outra. Todavia, a língua falada ganha espaço nas escolas quando começa a ser vista como mais uma modalidade que merece ser respeitada, estudada, afinal a competência linguística abrange: ler, escrever e falar bem.

Por isso, apresenta-se neste trabalho uma proposta que visa ao desenvolvimento das capacidades comunicativas orais dos alunos e a melhoria da escrita por meio da eliminação das marcas da oralidade em textos escritos. Para isso, baseia-se na noção do trabalho com gêneros textuais, já que é preciso aprender a língua com uma finalidade e entendê-la como uma ação social.

Dessa forma, a proposta de produzir uma entrevista com moradores do bairro dos alunos justifica-se por ser um gênero textual bimodal, permitindo a retextualização do oral para o escrito, mantendo o mesmo gênero. Assim, os educandos são conduzidos ao desenvolvimento de conhecimentos lingüísticos específicos, bem como ao uso da língua em uma situação formal pública, conforme orientado pelos PCN (1998), inserindo-os no uso real da língua.

Por fim, especificaram-se as estratégias utilizadas para desenvolver a sequência didática proposta.

O desenvolvimento da competência oral nas escolas

Ao longo dos anos, a fala perdeu espaço para a escrita; porém, na antiguidade, ela tinha muita importância, como na retórica. Atualmente, o indivíduo que possui um bom domínio da língua escrita é considerado mais competente linguisticamente do que aquele que possui uma boa oralidade.

A fala é desenvolvida pelo ser humano muito antes da escolarização, criando-se a falsa ideia de que não cabe à escola a função de ensinar a falar.

Já está provado que a língua falada é muito mais utilizada do que a língua escrita. As pessoas que não sabem ler, às vezes, falam até mais de uma língua. E a fala que a criança aprende antes de chegar à escola é algo familiar, privado, diferente das ações de desenvolvimento de trabalhos com a oralidade no ambiente escolar, que são planejadas por meio de um projeto de estudos.

Apesar disso, há pouca preocupação com o desenvolvimento oral dos alunos em nossas escolas. Os PCN (1998, p. 15 e 27) alertam que “o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva” e dizem que “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”.

Marcuschi (2010, p. 17) ressalta que:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

E Fávero, Andrade e Aquino (1999) afirmam que fala e escrita são modalidades de uma mesma língua com semelhanças e diferenças. Elas possuem os mesmo elementos lexicais e gramaticais, a diferença está na maneira como eles se realizam, na organização, na forma como são adquiridas nas condições de produção, transmissão e recepção comunicativa. Portanto, essas modalidades devem ser vistas num contínuo e não como dicotômicas.

Muitos alunos têm dificuldade de escrever pelo fato de o fazerem como falam. Por isso, a escola deve trabalhar a oralidade, mostrando as diferenças e semelhanças entre essas duas modalidades linguísticas: fala e escrita.

Sequência Didática - Entrevista: um encontro combinado com personalidades do nosso bairro

Segundo Schneuwly e Dolz (2011), deve haver sistematização no ensino da comunicação seja ela escrita ou oral por meio de uma sequência didática que confronte as práticas de linguagem dos alunos, os gêneros textuais, para que eles possam reconstruí-las e delas se apropriarem. Para os autores, as sequências didáticas são “instrumentos que podem guiar as intervenções dos professores” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2011, p.45). Eles sugerem que uma sequência didática deva ser composta das seguintes partes: Apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final.

Neste trabalho, foi desenvolvida uma sequência didática para o ensino do gênero entrevista, aplicada no oitavo ano do ensino fundamental, com os seguintes objetivos: conhecer as características do gênero entrevista; observar o nível de formalidade em entrevistas; reconhecer marcas de oralidade numa entrevista; produzir uma entrevista oral

com uma personalidade do bairro e transcrevê-la para a escrita, eliminando marcas de oralidade; e conhecer as personalidades do bairro por meio do gênero entrevista.

Iniciou-se o trabalho perguntando à classe o que eles entendiam por entrevista. Percebeu-se que a noção que a turma, num geral, tinha sobre entrevista estava ligada à televisiva. Então, foi perguntado se no jornal escrito ou na revista existia entrevista. Os alunos relataram que sim e começaram a citar exemplos. Em seguida, foram apresentados os objetivos do trabalho e o que se pretendia alcançar. Essa etapa de apresentação é denominada por Schneuwly e Dolz (2011, p.84) como “Apresentação da situação”. Os autores ainda acrescentam que é importante “esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2011, p.46).

Em seguida, foram desenvolvidos diversos “módulos” para apropriação das características do gênero. Foi explicada a diferença entre entrevista com texto corrido, em forma de citações entre aspas ou de forma indireta, e as entrevistas no estilo pingue pongue, com perguntas e respostas.

Posteriormente, foi mostrado um exemplo de cada tipo de entrevista. Depois, foram explicadas as características do gênero como: título atraente, texto introdutório com informações pessoais sobre o entrevistado, estrutura pergunta/resposta, gravação em mídia, agendamento, escolha de temática, roteiro prévio, espontaneidade, fuga de respostas sim ou não, nível de formalidade, cordialidade e fidelidade às respostas dadas.

Em seguida, foram exibidas duas entrevistas orais: uma em que Marília Gabriela entrevista Faustão e outra em que Carlos Nascimento entrevista José Sarney. Justamente para que fossem percebidas as características orais do gênero como: as diferenças de posicionamento dos entrevistadores e entrevistados, os tipos de perguntas, o nível de formalidade da linguagem, a estrutura pergunta-resposta, a escolha de um tema central, a posição social dos entrevistados, a interpretação da gesticulação e entonação, o papel do entrevistador de mediar a entrevista, entre outros.

Depois, foram explicadas algumas características da fala, como: uso de expressões para marcar ritmos, entonações, pausas, transmissão de falas, pausas no pensamento marcadas por reticências, repetições exageradas, entre outras. Posteriormente, foi explicado o conceito de transcrição e retextualização.

Para Marcuschi (2010) “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados” (MARCUSCHI, 2010, p. 49), criando-se, assim, um objeto de estudo.

Na atividade de retextualização, as interferências são maiores, gerando mudanças, especificamente, de linguagem. Esse processo não é mecânico "já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita". Também não se trata da passagem de um texto supostamente "descontrolado e caótico" (o texto falado) para outro "controlado e bem formado" (o texto escrito); trata-se da passagem de uma ordem para outra. (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

Para ensinar a retextualizar uma entrevista, foram utilizados exemplos de entrevistas retirados do livro "Gramática do Português Falado" de Maria Helena de Moura Neves transcritas com as marcas de oralidade. Essa parte Schneuwly e Dolz (2011, p.84) conceituam como "produção inicial": uma forma do professor diagnosticar o que foi apreendido, ajustando as atividades seguintes de acordo com as possibilidades e dificuldades dos alunos.

Com base nos trechos transcritos, os alunos fizeram um parágrafo introdutório para a entrevista, supondo quem seria o entrevistado baseando-se, para isso, nas perguntas feitas e respostas dadas. Abaixo segue comentários sobre a primeira versão retextualizada pelos alunos, tendo como exemplo o texto do aluno 1.

No processo de retextualização, foram detectadas algumas inadequações que sinalizavam a necessidade de ajustes. Uma delas foi a alteração de sentido, como no trecho que diz: "A natação o melhor exercício para a criança... ainda mais criança que tem problema respiratórios". O aluno 1 retextualizou como "menos para aquelas que tem problemas respiratório". Mudando o sentido de ênfase para exclusão. Outra inadequação foi a presença de marcas da oralidade, como o uso do termo "bom".

O aluno 1 foi orientado a fazer as devidas alterações. Foi explicado que o repórter precisa ser fiel ao que o entrevistado diz. Após as orientações, ele fez a refacção do texto.

A reescritura foi dada como mais uma oportunidade de progressão, desenvolvendo-se mais um "módulo" para instrumentalizar os alunos na superação das dificuldades.

Continuando o trabalho, para que os alunos treinassem a realização de uma entrevista, eles foram divididos em duplas a fim de que escolhessem um tema, montassem um roteiro de perguntas e entrevistassem uma terceira pessoa da turma, gravando com o uso do celular. Em seguida, eles fizeram a retextualização, eliminando as marcas de oralidade e criaram um texto introdutório.

Dominados os conceitos, os alunos foram divididos em duplas. Essa opção foi feita para que um servisse de canal de reflexão para o outro na escolha do entrevistado, elaboração

das perguntas, condução da entrevista, enfim houvesse criticidade e reflexão entre as duplas. Para Schneuwly e Dolz (2011, p. 46) é preciso “escolher momentos de colaboração com outros alunos para facilitar as transformações”.

Então, deu-se início ao que Schneuwly e Dolz (2011, p. 84) conceituam como “produção final”. Os alunos escolheram uma personalidade do bairro, alguém que fizesse parte da história do lugar para entrevistar seguindo todas as etapas: escolha de um tema, elaboração de roteiro de perguntas, marcação da entrevista com antecedência, gravação da entrevista num CD para ser entregue, condução espontânea da entrevista, elaboração de um texto introdutório sobre o entrevistado e retextualização da entrevista.

Foi escolhido esse tipo de proposta para dar ao trabalho um aspecto real. Conforme Schneuwly e Dolz (2011, p. 82):

criar contextos de produção específicos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2011, p. 82)

No dia marcado, deveria ser entregue o texto escrito e o CD com a gravação da entrevista. Isso para que fossem avaliados os itens citados e, principalmente, a postura de condução da entrevista, a transcrição da oralidade para a escrita e se foi mantida a essência da entrevista.

Durante o trabalho, os alunos foram orientados na escolha dos entrevistados, na elaboração das perguntas e em outros aspectos.

Os critérios de avaliação usados foram: escolha das personalidades; perguntas críticas e interessantes; condução da entrevista (comentários sobre as perguntas, interferência quando necessário, reorientado as perguntas e respostas); retextualização eliminando marcas de oralidade; título instigante; texto introdutório; estrutura pergunta/resposta.

Para representar o trabalho, escolheu-se a entrevista dos alunos 2 e 3. Em relação à entrevista oral, observou-se que os alunos foram com um roteiro elaborado de perguntas. Além disso, eles fizeram uma boa apresentação do entrevistado e despediram-se com gentileza, porém a condução da entrevista não foi espontânea, já que o aluno 2 se prendeu as perguntas elaboradas sem inserir outras que o contexto pedia. Comparando a entrevista oral com o texto escrito, percebeu-se que eles souberam eliminar marcas da oralidade como: “ah”, “né”, “ih”, prolongamentos como “a... a... a...” e repetições: “uma, uma”, “assim, assim”

Na retextualização, observou-se que os alunos não colocaram um título para entrevista. E também que seria mais adequada a inserção da pergunta 5 no texto introdutório,

por se tratar de uma informação pessoal. O mesmo aconteceu com algumas informações da resposta 10. Além disso, os alunos não acrescentaram o nome do entrevistador e o nome do entrevistado, respectivamente, em cada pergunta/resposta.

Cada dupla recebeu sua entrevista corrigida e seu CD. Foram comentadas no quadro as principais inadequações. Em seguida, eles a reescreveram, observando as orientações escritas nos textos deles e as observações feitas coletivamente.

Em relação à segunda versão do texto, percebeu-se que os alunos ainda não colocaram um título, mantiveram algumas repetições e ainda algumas informações pessoais na resposta 10.

Como as entrevistas ficaram bem interessantes e contavam um pouco da história da comunidade deles, foi montado um mural com elas já digitadas, a fim de disseminar o conhecimento da história aprendida. Nessa terceira versão, os alunos criaram um título atrativo, eliminaram as repetições e passaram as informações pessoais da resposta 10 para o texto introdutório.

Com o desenvolvimento dessa sequência didática, os alunos conseguiram eliminar marcas de oralidade do texto escrito, ao diferenciarem as duas modalidades da língua. Assim como desenvolveram competência oral por meio de um gênero formal público.

Considerações Finais

Segundo os PCN (1998), a expressão oral requer confiança. Cabe à escola não ensinar o aluno a falar, mas ensiná-lo usos e formas da língua falada adequados a diferentes situações comunicativas, por meio de um ambiente que acolha e respeite a voz do aluno. A escola precisa dar instrumentos para o discente usar a língua oral em situações formais públicas, levando o aluno ao desenvolvimento dessa competência.

Isso acontece por meio de um planejamento sistemático dos eventos orais. Não é suficiente deixar que as crianças falem aleatoriamente. Ao eleger a língua oral como meio de trabalho, a escola deve planejar as ações pedagógicas, partindo de situações informais, que já fazem parte do dia a dia do aluno, até chegar às formais.

Dessa forma, prepara-se o aluno para exercer sua cidadania, já que nas diversas situações sociais, o educando precisará da competência oral.

A atividade proposta, *entrevista: um encontro combinado com personalidades do nosso bairro*, tem como objeto de ensino a oralidade e mostra que com planejamento, sistematização e mediação, o aluno consegue desenvolver sua competência oral. Assim

também, o trabalho possibilita o desenvolvimento de uma escrita mais eficiente ao se trabalhar a diferenciação entre as duas modalidades: oral e escrita, permitindo a eliminação de marcas da oralidade do texto escrito.

Assim, os alunos podem desenvolver tanto a competência oral quanto a escrita, ao serem trabalhadas estratégias que permitam a reflexão sobre o uso da língua em situações sociais reais de forma planejada.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? um convite à pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004;
- ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. *Gêneros orais e escritos: modos de pensar e modos de fazer*. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 45-84.

Artigo recebido em: 21/06/17

Artigo aceito em: 24/07/17